



Recebido em
30-06-2017

Aprovado em
10-08-2017

Como citar este artigo

Morera JAC. [Las historias de vida: Herramientas de análisis sociopolítico de las realidades en Enfermería y Salud]. Hist enferm Rev eletrônica [Internet]. 2017;8 (1):1-2.

As histórias de vida: ferramentas de análise sociopolítica das realidades em Enfermagem e Saúde

Jaime Alonso Caravaca-Morera¹

¹ Doutor em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Professor e Investigador da Escuela de Enfermería de la Universidad de Costa Rica, Costa Rica. Membro do Laboratório de Estudos de História do Conhecimento em Enfermagem e Saúde. E-mail para correspondência: jaimealonso.caravaca@ucr.ac.cr

Em nossa realidade cotidiana, e a partir de uma perspectiva científica, existem enfoques plurais e polifônicos que transcendem aos métodos tradicionais, e que nos auxiliam, como investigadores, a nos aproximar das pessoas e suas realidades geopolíticas e culturais.

Claramente, nesta linha de raciocínio, as histórias de vida nos oferecem a possibilidade de descrever os âmbitos de desenvolvimento e crescimento pessoal nas distintas idades evolutivas. Pois, como se sabe, constituem uma ferramenta mediante a qual se convida aos/às participantes a (re)construir suas vivências, identidades e experiências, por meio de um processo de memória reflexiva, no qual se ressalta a importância da individualização e construção através do relato.

Historicamente, nas pesquisas em Enfermagem e em Saúde, este tipo de método (ou técnica, segundo seja o caso) continua adquirindo progressivamente maior relevância, apesar de ter uma trajetória considerável desde sua origem na Escola de Chicago em 1920.

Partindo desta premissa, e desde sempre, tem sido do interesse do/a profissional de Enfermagem, particularmente, valorizar e ressaltar as vivências do *ser cuidado* e, simultaneamente, interpretar (em sentido material e conceitual) suas experiências ao longo de seu processo de crescimento e desenvolvimento.

Esta postura, em si, ressalta o caráter intersubjetivo e, simultaneamente, a importância das histórias de vida nas pesquisas em Enfermagem e Saúde, pois viabilizam a construção de sentidos no projeto de vida, a partir do ordenamento da cadeia e volume de acontecimentos e interações dinâmicas com as diversas instituições sociais no transcurso de seu curso *vitae*.¹

Em sentido análogo, as histórias de vida recortam a trajetória de vida pessoal e profissional, com as múltiplas experiências que, em seus (contra)tempos, têm configurado os itinerários vividos. Assim, relatam a singularidade de uma vida, e são capazes de refletir, simultaneamente, a coletividade social da qual a pessoa faz parte.

Conexo a estes pensamentos, ao desenvolver uma história de vida, o indivíduo estabelece uma relação coerente entre os diversos acontecimentos e experiências de vida que considera mais relevantes e/ou que causaram maior impacto em suas vivências e memórias. De saída, o argumento e sua possibilidade de recombinação outorgam-lhe certa versatilidade ao relato e, portanto, à vida que está

sendo narrada, e nos ajuda, pesquisadores e pesquisadoras, a representar a situação atual e a projetar prospectivamente o futuro.

Precisamente, esta autointerpretação da vida permite torná-la inteligível e concretizar um significado às diversas *nuances* enfrentadas ao longo de suas trajetórias. Em aderência a este pressuposto, poderia dizer que uma história de vida não é candidamente uma coleção de recordações passadas, mas uma (re)construção no presente da identidade do eu, em função de uma trajetória futura.

Neste exato sentido, e de maneira complementar, as histórias de vida possibilitam explicitar e tornar visíveis os conhecimentos em uso e, conseqüentemente, recolher um conjunto de acontecimentos, experiências, aprendizagens que têm configurado o que o/a participante é na realidade – e/ou como se percebe.

Basta recordar que narrar a história de nossa vida é um exercício de autointerpretação do que somos (ou do que cremos que somos). Em síntese, é uma encenação através da autonarrativa, mediante a qual a pessoa participante outorga sentido aos acontecimentos que relata, delimitando etapas, transições, continuidades ou rupturas, inscritas em sua experiência pessoal.¹

Contudo, é dever do/a pesquisador/a ler/interpretar, nesse relato, os processos que participam da gênese de si, assim como os metabolismos sociais em que se entrelaçam tais trajetórias e caminhos.

Decididamente, o intuito do uso das histórias de vida nas pesquisas em Enfermagem e Saúde se vincula com os feitos de promoção do próprio participante, de seu itinerário de formação e de sua própria capacidade para continuar formando-se, por meio de dinâmicas processuais descritivas, (auto)interpretativas, reflexivas, sistemáticas e críticas dos registros de vida, guiados pelo(a) investigador(a), que descrevem momentos pontuais de sua existência, uma vez que lhes aportam significado e intencionalidade.

Finalmente, penso que, como tenho tratado de justificar nas sucintas reflexões anteriores, hoje em dia vislumbra-se, no campo da investigação, um modelo mais integrador e completo que interpreta o desenvolvimento e a conduta humana em um contexto determinado, relacionando-o com o desenvolvimento afetivo e as de variações de personalidade. O fato de refletir através de uma entrevista semiestruturada sobre a própria história de vida, que permite chegar à compreensão de como os determinantes de cunho afetivo, pessoal, social, econômico, político e cultural, permeiam nossos “eus” e simultaneamente nossos itinerários de vida. Ainda, permite-nos desenhar um amplo panorama sociocoletivo do qual as pessoas investigadas integram.

REFERÊNCIAS

1. Medrano C. Las historias de vida: implicaciones educativas. Buenos Aires, Argentina: Alfagrama, 2007.